

Resumo

O artigo investiga a presença de africanos na região onde hoje está localizado o complexo de diversões Beto Carrero World, no litoral norte do Estado de Santa Catarina. Na época, a região era um dos locais da pesca da baleia, a presença dos africanos escravizados se insere neste contexto, qual seja, eram ‘as mãos e os pés dos senhores das armações baleeiras’, para usar uma expressão cunhada por Antonil, para caracterizar a importância dos escravizados nos engenhos coloniais. Através de registros de óbitos e de casamentos, identifica-se a procedência dos escravizados, estado civil, idade aproximada, filiação etc. As fontes que a princípio pareciam ‘números frios’, tomaram corpo e passaram a falar revelando estes sujeitos diaspóricos.

Palavras-chave

Africanos. Diáspora. Escravizados.

Abstract

The article investigates the presence of Africans in the region where today is located the amusement complex Beto Carrero World, on the North coast of Santa Catarina State at the time, the area was one of the whale fishery, the presence of Africans enslaved falls in this context, namely, were ‘hands and feet of the Lords of life-boat frames ‘to use an expression coined by Antonil, to characterize the importance of enslaved colonial mills. Through records of deaths and weddings, identifies the origin of the enslaved, approximate age, marital status, membership etc. The sources that seemed ‘cold ‘ numbers, took the body and began talking about revealing these subject diaspóricos.

Keywords

African. Diaspora. Enslaved.

¹ Professor Adjunto do Departamento de História da UFPE; Doutor em História do Brasil pela UFPE.

*“Que noite mais funda calunga
No porão de um navio negreiro
Que viagem mais longa candonga
Ouvindo o batuque das ondas
Compasso de um coração de pássaro
No fundo do cativoiro
É o semba do mundo calunga
Batendo samba em meu peito
Káwo-kabiesile-káwo
Okê-arô-okê[...].”*

Roberto Mendes - *Massemba*.

*Seriam: Catarina Conga, Luiz Benguela,
Maria Moçambique, Paulo Macumbe,
Manoel Macumbe, Sebastiana Benguela,
Daniel Mina e Maria Monjola, personagens
desta trama, passageiros deste navio?*

Introdução

O parque de diversões Beto Carrero World, conhecido nacionalmente, ainda não havia sido inventado², na foz do rio Itajaí Açu, tampouco a região era um balneário turístico. Portanto, as terras ainda não eram objetos de especulação imobiliária como são hoje, sobretudo no litoral norte do Estado de Santa Catarina.

Estamos entre os séculos XVIII e XIX, além da presença de colonizadores açorianos, imigrantes alemães, italianos e de outras nacionalidades europeias, conforme registram os documentos; a presença de africanos também se fez notar, como veremos neste artigo. Uma advertência: estes africanos não vieram na condição de imigrantes, não

² O parque foi inaugurado no ano de 1991.

vieram pensando em fazer a vida em decorrência das adversidades de suas terras de origem; aliás, eles não vieram de livre e espontânea vontade, foram trazidos a contragosto, portanto num processo diaspórico.

Para investigar a presença e o processo desta diáspora africana nesta região nos séculos XVIII e XIX, utilizei duas fontes históricas: registros de óbitos e de casamentos. A partir deles construí a trama que se segue.

A presença africana a partir dos registros de óbitos

As razões que me fizeram iniciar a investigação por estes registros, não se deve à simpatia que tenho pelo tema, óbitos, mas pelo significado histórico que o mesmo tem em diversas sociedades africanas. No intervalo do processo de tessitura deste artigo, revisei a obra, *A Casa da Água*, um volume da trilogia escrita por Antônio Olinto, que insere o leitor na ‘alma do continente africano’³. O autor descreve a morte em dois momentos distintos: quando faleceu a matriarca Ainá, de uma forma natural, após ter experimentado o ‘bom bocado’ da vida. Partiu para o mundo dos ancestrais, como quem dorme para a eternidade, mas que continua ligando aquele mundo com este; noutro momento, a morte prematura de Sebastian, no auge da vida, sem ter realizado tudo o que ele, a esposa e os filhos almejavam... Uma fatalidade!⁴

Numa investigação acadêmica de fôlego, Fábio Leite corrobora Antônio Olinto, acerca da morte em sociedades da África Subsaariana; neste sentido, a ficção de Olinto se aproxima da vida real, pois que foi

³ A trilogia é denominada *Alma Da África*. Compõe-se dos seguintes volumes: *A Casa da Água* (vol. I), *O Rei de Keto* (vol.II) e *Trono de Vidro* (Vol. III). A editora é Bertrand Brasil, na segunda edição do ano de 2009.

⁴ OLINTO, Antônio. *A Casa da Água*. 2ª ed. RJ: Bertand Brasil, 2009.

escrita tendo em vista experiências dos africanos na diáspora brasileira e o retorno de alguns deles à África após a abolição da escravidão. Pois bem, Fábio Leite descreve duas ‘modalidades’⁵ de morte: a do ancião, quando já teria cumprido sua experiência dentre os humanos; neste sentido, a morte teria um significado positivo, de realização de missão cumprida. O passo seguinte seria a vida entre os ancestrais. A outra seria a morte prematura, a ‘modalidade’ negativa: mortes súbitas, como a morte de Sebastian, no romance de Olinto⁶. Para cada ‘modalidade’ um ritual de sepultamento.

Catarina Conga, por exemplo, vinte e cinco anos de idade, de pais desconhecidos, casada com Luiz Benguela, teve no dia dezanove de agosto de mil oitocentos e vinte cinco, uma morte que pode ser caracterizada na modalidade negativa⁷; pois que caíra dentro da caldeira de ferver azeite⁸. Ela era uma das escravizadas do Contrato da Nova Administração da Pesca da Baleia⁹. Como se vê, tanto homens quanto mulheres ‘mourejavam’ nas armações baleeiras, em situações que penso não ser necessário descrever, mas que as testemunhas oculares, tais como Saint Hilaire a fizeram, no caso específico da Armação do Itapocorói¹⁰.

⁵ A categoria modalidade é do autor.

⁶ LEITE, Fábio. *A Questão Ancestral – África Negra*. SP: Pala Athena; Casa das Áfricas, 2008.

⁷ Ibid.

⁸ *LIVRO DE REGISTROS DE ÓBITOS (1791-1835)* Folhas: 42v. Disponível em: <<http://telmotomio.blogspot.com/>>. Acesso: jan. 2010. Doravante será citado como: *L. R. O. (1791-1835)*.

⁹ Encontrei as seguintes denominações para as administrações da pesca da baleia no período em questão: Real Contrato da Pesca da Baleia(1791); Escravo Do Contrato De Sua Alteza Real(1805); Escravos da Nova Administração da Baleia(1821); escravos da Armação Imperial e Nacional das baleias(1822); escravos da Nova Administração do Contrato Imperial da Pesca da Baleia(1824/1825);escravos da Antiga Administração das Baleias(1826) e escravos pertencentes a Armação Imperial e Colonial(1826). Sobre as formas de contrato no Brasil Colonial, Ver: DIAS, Camila Baptista. *A Pesca Da Baleia No Brasil Colonial: Contratos e Contratadores*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas/UFF, 2010.

¹⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem A Curitiba E Província De Santa Catarina*. Belo

Uma boa morte era um dos desejos dos escravizados, e uma das formas de alcançá-la era ingressando nas Irmandades Religiosas, como a da Boa Morte... Boa morte foi o que não teve o também escravizado, Damião, de aproximadamente setenta anos de idade, era também escravo do contrato. Segundo informantes, ele havia fugido e teria sido devorado por um felino, por volta do dia quatorze de junho de mil oitocentos e vinte e dois, como se depreende do registro efetuado pelo frei Martim Joaquim de Olidem. O corpo de Damião, ou o que sobrou dele, foi sepultado quase um mês depois, no dia vinte de julho do mesmo anos.

Damião, 70 anos, de pais desconhecidos. “Escravo do Contrato que havia fugido há dois meses, encontraram a ossada junto do chapéu e dentro dele suas ceroulas. Supõe-se que tenha sido devorado por uma onça que andou pela região na época de sua fuga. Ossada encontrada por José Francisco da Silva que avisou ao administrador Manoel Gonçalves dos Santos Jr., da Armação Nacional. Termo assinado em 20.07.1822. Sepultamento em Armação. Padre: Frei Martim Joaquim de Olidem.

As condições de trabalho, somadas ao clima frio vitimava os escravizados nas armações das baleias, não foi por acaso que encontrei nos registros de óbitos algumas vítimas da tísica, que fora tão temida no século XIX pelos homens livres, sobretudo devido à boemia, doença que vitimou românticos e poetas tais como Castro Alves e Álvares de Azevedo. Mas no caso dos escravizados não era, com certeza, por causa da boemia, mas pela má alimentação, aliada à friagem advinda do Atlântico, sobretudo nos meses de invernos rigorosos do sul do Brasil. Paulo Moçambique, sepultado em janeiro de mil oitocentos e vinte e dois, foi uma das vítimas. Camila Baptista ao investigar as armações

Horizonte: Itatiaia, 1978. Ver também: ELLIS, Miriam. *A Baleia No Brasil Colonial*. SP: Ed. Melhoramentos, 1969.

de baleias do Rio de Janeiro do século XVII, mostrou a similaridade do trabalho escravo nos engenhos e nas armações¹¹.

Maria Moçambique, também escravizada do Contrato da Armação da Pesca da Baleia, teve a vida ceifada pela tísica no ano de mil oitocentos e vinte e um. Na época o sacerdote responsável pela capela era o padre Marcelino José da Silveira. Aliás, foi o mesmo padre que meses depois encomendou o corpo da parda, Escolástica, escrava do alferes Antônio Francisco e de Isabel Maria, sua esposa. Escolástica também fora vítima da tísica.

Há registro de africanos escravizados pertencentes ao Contrato da Armação da Pesca da Baleia que morreram septuagenário ou octogenários na década de vinte do século XIX. Se estes registros não contiverem falhas, é de admirar como esses homens e mulheres pudessem chegar a tal faixa etária, levando em consideração as condições em que viviam. Mas mesmo morrendo como anciãos, não tinham o que comemorar, ou seja, não estariam na modalidade de uma morte positiva, pois que foram vítimas dos maus tratos. Se estivessem em África sim, teriam uma celebração aos moldes da que teve Ainá, uma das personagens de Antônio Olinto: com música, comida, bebida, cânticos e dança. Vale acompanhar o ritual:

[...] os quatro foram para o lugar da festa, as cadeiras ocupavam larga extensão da rua, D. Zezé chegou e Epifânia deu-lhe um búzio, Seu Suliman veio com a família, cada um recebeu seu búzio, quando Mariana contou havia mais de cem pessoas, os atabaquistas tocaram sozinhos durante algum tempo, depois apareceu o homem do violão, mais tarde os da flauta e da clarineta, passaram a tocar a música alegre, numa certa hora D. Zezé arrumou um prato com pedaços de cabras, acarás e caruru, cobriu-os com

¹¹ DIAS, Camila Baptista. *A Pesca...* op. cit.

um pano de rendas e muita brancura e duro de tão engomado, chamou Epifânia e a família dizendo:

- É a comida das almas.

Levou o prato para os fundos da casa, deixou num canto escuro do quintal, enquanto a música ficava mais alegre, D. Júlia cantava entre as mesas, um rapaz dançou para Mariana, a garrafa de cachaça passava de mão em mão, Seu Suliman ria mas não bebia, m surgiu um moço com um pandeiro na mão, numa hora o homem do violão tocou sozinho , cantou:

Se Ainá soubesse

Que era hoje seu dia

Descia do céu à terra

Com prazer e alegria [...]”¹²

Vale lembrar que Ainá era uma africana que fora escravizada, depois retornara à África, para a região do Golfo do Benin, como outros retornados que lá se instalaram e buscaram refazer suas vidas depois de terem experimentado a vida na diáspora¹³.

Fiz esta digressão descrevendo um ritual de morte de uma africana, ex-escrava que vivera no Brasil e retornara à África, segundo o romance de Olinto, foi para mostrar que os rituais dos africanos escravizados na Armação do Itapocorói nos séculos XVIII e XIX, estavam longe de lembrar os da sua região de origem: eles estavam na diáspora, aqui, morrer septuagenário ou octogenário não era motivo para festa, como fora para Ainá, ex-escrava que voltara a África. E só foi assim porque ela retornara. Mas nem todos tiveram a oportunidade de deixar a diáspora, centenas de milhares morreram aqui, como os que foram sepultados na Armação do Itapocorói:

¹² OLINTO, Antônio. *A Casa...* op. cit., p. 94-95.

¹³ Sobre esta questão, ver: GURAN, Milton. *Os Agudás: “os brasileiros” do Benim*. SP: Nova Fronteira, 2000.

[...], Gonçalo, Mina, 70 anos, de pais desconhecidos, escravo do Contrato da Pesca da Baleia; Sebastião, Rebolo, 80 anos, de pais desconhecidos. Escravo do Contrato da Pesca da Baleia; Paulo, Macumbe, 70 anos, de pais desconhecidos, escravo da Armação Imperial; Henrique, Mina, 80 anos, de pais desconhecidos, escravo da Antiga Administração das Baleias; Manoel, Macumbe, 70 anos, de pais desconhecidos, escravo pertencente a Armação Imperial e nacional. Casado. Esposa, Joana Rebola ; Joaquim, Congo, 83 anos, de pais desconhecidos. Escravo da Armação; Jorge, Mina, 83 anos, de pais desconhecidos. Escravo pertencente à Armação.¹⁴

As ‘etnias’ dos escravizados, ainda que artificiais: Rebolo, Mina, Macumbe e Cabinda; indicam que eram todos da região da África Centro Ocidental, genericamente identificados como bantus. Sebastião Rebolo, que morreu com a idade avançada de oitenta anos, estava cego, o ano era o de mil oitocentos e vinte e quatro. Óbito assentado pelo frei Martin Joaquim de Olidem, no dia cinco de fevereiro do referido ano.

Outros morreram jovens, tão jovens quanto quando chegaram ‘*neste vale de lágrimas*’¹⁵, conforme a oração que os padres ensinavam aos africanos tanto em África, quanto na diáspora. Aqui talvez ela tivesse a função de acomodar as almas. É de se perguntar: em que medida elas se acomodavam no ‘vale de lágrimas’? Como se viu acima, a alma de Damião, um escravo do Contrato Da Pesca da Baleia, sem identificação de origem, não se acomodou; mas acabou sendo, segundo a hipótese da época, sendo comida de felinos.

O ‘vale de lágrimas’ terminou cedo para o filho de Sebastiana, Benguela, assim como o filho que nascera lá no outro lado do Atlântico em tempo incógnito, e que ao que me parece, foi trazido criança para

¹⁴ L. R. O. (1791-1835). Folhas: 41, 41v, 43, 43v, 44v e 45.

¹⁵ Estou me referindo à oração ladainha em louvor `a Nossa Senhora, rezada em liturgias da Igreja Católica Apostólica Romana.

a diáspora, pois quando morreu contava apenas com dez anos de idade. O fato deu-se em dezessete de dezembro do ano de mil setecentos e noventa e seis. O pai incógnito, Sebastiana era solteira e escrava de Joanna Siqueira¹⁶.

Lucas e Pedro, dois africanos moçambicanos, escravizados, ambos do Contra da Pesca da Baleia, morreram aos vinte e cinco anos de idade; um no ano de mil oitocentos e vinte quatro, outro no ano seguinte. O registro de óbito não acusou a ‘causa mortis’. Talvez por excesso de trabalho, de castigo, ou de outra causa, como ocorrera com: “*Agostinho, 70 anos, de pais desconhecidos, escravo desta Armação. Morreu sem sacramentos por morrer de repente, sendo tirado morto do pau em que estava amarrado e morrer da surra que levou-se,[ou] de alguma moléstia anterior*”¹⁷.

Identifiquei dois óbitos de africanos, registrados como ‘roncador’, no ano mil oitocentos e nove, e mil oitocentos e dez¹⁸. É quase certo que tratava-se de sujeitos da língua dos Rongas, também conhecidos como Landins, de Moçambique¹⁹. Ambos eram escravizados do Real Contrato da Pesca da Baleia. O primeiro, Antônio, tinha na época do falecimento 74 anos de idade; o segundo, também Antônio, tinha 70 anos. Os registros não declinaram as razões das mortes.

Alguns registros de óbitos manuseados possibilitaram identificar as ocupações e/ou aptidões dos africanos escravizados na região do Itapocorói. Daniel Mina, que faleceu aos setenta e um anos de idade, no

¹⁶ L. R. O. (1791-1835). Folhas: 09.

¹⁷ Ibid. Folhas: 46v.

¹⁸ Ibidem. Folhas: 31v e 32.

¹⁹ LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira Da Diáspora Africana*. SP: Selo Negro, 2004.

dia vinte e oito de janeiro de mil oitocentos e trinta, era um calafate.²⁰ Já João, 72 anos, que não tem identificação étnica registrada, era um timoneiro. Faleceu dois meses após Daniel. Ambos sem a causa da morte especificada.

Camundá ou Cabundá era a denominação que se dava no Brasil a indivíduos pertencentes ao grupo dos Bundos, um subgrupo dos ambundos, segundo Nei Lopes, o maior grupo etnolinguístico de Angola²¹. Encontrei membros deste grupo em registros de óbitos no período em investigação: Maria Camundá, que falecera no último dia do ano de mil oitocentos e trinta. Era uma escravizada do Contrato da Pesca da Baleia. Frei Gregory das Dores não registrou a causa da morte, mas registrou que os pais da mesa eram desconhecidos. É quase certo que também tenham sido vítima do tráfico e estariam em algum lugar da diáspora africana no Novo Mundo...

Já mencionei as dificuldades que se tem com a precisão das designações dos grupos que foram trazidos do continente africano para o Brasil, ou seja, os termos muitas vezes são genéricos e/ou não representam um grupo étnico específico. Portanto, ao identificar os termos nos registros, tive que varias vezes recorrer ao dicionário organizado pelo pesquisador Nei Lopes, afim de dirimir dúvidas. Foi o que aconteceu com o caso de Francisco Monjolo, um dos escravizados do Real Contrato da Pesca da Baleia, que falecera em junho do ano de 1820. A rasura no documento lavrado pelo frei Francisco de Santa Isabel, não permitiu identificar o dia. Afinal quem eram os Monjolos? Segundo Lopes:

²⁰ L. R. O. (1791-1835). Folhas: 44v.

²¹ LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto Do Brasil*. RJ: Pallas, 2003, p.47.

era um dos nomes por que eram conhecidos os Bateke ou Tyos, grupo étnico da atual República do Congo, localizado próximo a Stanley Pool. No Brasil colonial, o termo empregado para designá-los era preferencialmente anjico ou anjicos, mas no século XIX eles passaram a ser conhecidos como monjolos.²²

Para elaborar a obra, Lopes consultou muitos estudiosos sobre a temática, tais como Mary C. Karasch, Fernand Hazan, Fernando Ortiz, José Ramos Tinhorão dentre outros. No caso específico do termo Monjolo, é importante observar como o mesmo foi construindo-se ao longo do período colonial e imperial brasileiro: antes conhecidos como angicos(ou anjicos) que poderia ser confundido também com um arbusto; que por sua vez tinha relação com Anzikana, nome que designava a região de Tyo ou Teke²³. Através dos termos é possível construir, de certa forma, as tramas da história de alguns grupos de escravizados africanos na diáspora catarinense, mais exatamente da Foz do Itajaí, na então província de Santa Catarina.

Nos registros de óbitos encontrei escravizados que morreram de formas diversas: de surra, caído em azeite de ferver, devorado por felinos, encontrado morto, afogado em rio, de tísica... apenas dois registros dizendo que os escravizados africanos teriam morrido no hospital: “*Maria Moçambique, de pais desconhecidos, escrava da Nova Administração das Baleias, casada, morreu de tísica no hospital; Manoel Congo, 90 anos, escravo Do Real Contrato Da Pesca Da Baleia. Morreu no hospital da Armação*”²⁴. Ambos morreram no ano de 1821, nos meses de agosto e setembro, segundo o registro do padre Marcelino José

²² LOPES, Nei. *Novo Dicionário...* op. cit., p.155.

²³ Ibid., p. 29.

²⁴ L. R. O. (1791-1835). Folhas: 38.

da Silveira. O fato de morrerem num hospital significaria mais dignidade em relação aos demais? Pode-se dizer que tiveram uma ‘boa morte’? Não há pistas que me informam que sim, mas que foi uma raridade entre os registros manuseados até o presente momento da investigação em curso.

A presença africana a partir dos registros de casamentos

Após a leitura do livro de óbitos, analisei os registros de casamentos da então capela de São João do Itapocorói, disponíveis no mesmo sítio eletrônico transcrito e organizado em forma de tabela, por Telmo Tomio. O referido livro de abrange o período compreendido entre 1805 a 1841, três décadas e meia de registro, perfazendo um total de 227 casamentos, sendo apenas 13 de escravos. Entre estes, encontrei casamentos mistos, ou seja, entre escravos, libertos e livres. Como foi o caso de:

José, escravo de pais desconhecidos e Isabel Francisca, filha de Vitório Francisco Pedroso e Domingas Teixeira. Ele escravo de Maria dos Anjos, viúvo da escrava Joana da mesma dona. Ela filha de mãe já falecida. Ambos desta freguesia. Testemunhas: Bento da Silva Coutinho e Miguel Casas.²⁵

Ao que me parece, José não era africano, mas crioulo. Isabel Francisca devia ser livre ou liberta, uma vez que tem nome e sobrenome dos pais indicam que não passaram pela ‘experiência’ do cativeiro. Caso ela fosse livre, o que a levaria a casar-se com um escravo? Uma forma de possibilitar mais mobilidade ao escravizado? É uma hipótese

²⁵ *1º LIVRO DE REGISTROS DE CASAMENTOS DA CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA DO ITAPOCORÓI (1805-1841)*. Folhas: 24v. Disponível em: <<http://telmotomio.blogspot.com/>>. Acesso: jan. 2010. Doravante será citado como: *1º L. R. C. (1805-1841)*.

que não se esgota em si só, é possível outras razões que no momento não tenho elementos suficientes para ampliar o diálogo.

O casamento também foi ocasião de fortalecimentos dos laços de pertencimento entre os africanos de diferentes regiões; e mais, muitos dos quais eram parceiros de cativo no Contrato da Armação da Pesca da Baleia no Itapocorói:

No dia no dia quatro de março do ano de mil oitocentos e vinte e um, casaram na Capela de São João Batista do Itapocorói, ele, João Moçambique, de pais incógnitos, ela, Maria, Monjola de pais incógnitos. Ambos escravos do Real Contrato da Pesca das Baleias. Testemunhas: Pedro, Congo e Luíz Moçambique; escravos do Contrato. Celebrante: padre. Frei Francisco de Santa Isabel ²⁶ [...] No dia cinco de junho do ano de 1822, casaram-se na Capela de São João do Itapocorói, Joaquim, Monjolo, de pais incógnitos, e Gertrudes, Angola, de pais incógnitos, escravos do Contrato ²⁷ [...] No dia primeiro de janeiro do ano de mil oitocentos e vinte e três, casaram-se na capela de São João Batista do Itapocorói, Lorenzo, Benguela, de pais incógnitos, e Leonor, Benguela. Ambos naturais da África, escravos do Contrato. ²⁸

Nos três registros de casamentos acima nota-se que todos os noivos e padrinhos eram africanos, invariavelmente todos pertencentes ao sistema de Pesca da Baleia, portanto, “parceiros de cativos”. Através dos laços do sacramento Cristão, tornaram-se parentes por afinidade uns dos outros. Não quero aqui dizer que este ato não representasse um possível sentimento de amor e carinho entre os noivos, quero sim apontar que, para além do sentimento de amorosidade entre eles, pudesse existir a necessidade da construção de ‘laços de pertencimentos’, uma vez que o processo diásporico havia quebrado a pertença inicial de

²⁶ *1º L. R. C. (1805-1841)*. Folhas: 234v.

²⁷ *Ibid.* Folhas: 236v.

²⁸ *Ibidem*. Folhas: 238.

muitos grupos, entre os africanos escravizados. Quero pensar que eles não estavam sob a dimensão da concepção cartesiana ocidental do 'ou isto, ou aquilo'. A cosmovisão africana comportava mais dimensões da existência humana²⁹.

Neste sentido o fato de aderirem uma e outra prática religiosa, não significava que haviam esquecidos as práticas anteriores. Pierre Verger acompanhou a trajetória de alguns africanos libertos na Bahia, e descreveu como ora aderiam ao islã, ao catolicismo, ao protestantismo e 'alienavam' os valores africanos e vice-versa³⁰. Alienavam, sem necessariamente abandoná-los... para desespero da igreja católica, que os queriam católicos apostólicos romanos. Práticas semelhantes se davam na África Centro Ocidental, no momento da colonização³¹.

À Guisa de conclusão

Nosso objetivo não foi fazer uma análise quantitativa acerca dos óbitos e casamentos dos africanos escravizados no período em questão, mas uma análise qualitativa dos mesmos. Ou seja, aqueles números que à primeira vista poderiam ser vistos como frios, estavam carregados de significados, e nos indicaram pistas para uma melhor compreensão dos africanos escravizados na região. Acreditamos que uma das tarefas dos historiadores seja justamente fazer falar as fontes, sejam elas quais forem. Neste sentido, mesmo os documentos oficiais podem revelar a

²⁹Sobre esta questão. Ver: OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão Africana no Brasil*. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2006.

³⁰VERGER, Pierre. *Os Libertos: sete caminhos na liberdade de escravos da Bahia no século XIX*. Salvador: Ed. Corrupio, 1992.

³¹Sobre esta questão, ver: THORTON, John K. "Religião e Vida Cerimonial no Congo e Áreas Umbundo, de (1500- 1700)." In. HEYWOOD, Linda. *Diáspora Negra No Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

presença e vivência de pessoas que não eram vistos como ‘homens de bem’, até porque eles não tinham bens materiais; mas nem por isso deixaram de ser sujeitos da história.

Recebido em: 30/01/2012

Aceito em: 15/03/2012